

O DESAFIO EURO-AMERICANO

por Mário Soares

A situação em que se encontra a União Europeia, sem rumo certo e paralisada no plano institucional, preocupa-me muito. Como europeísta convicto, a derrota da Esquerda Democrática, nas eleições europeias, em contra-ciclo com o que se está a passar na América, de Barack Obama, parece ser de muito mau augúrio. Vai contra os chamados "ventos da história" que, vindos dos Estados Unidos, sopram para vencer a crise global. Em favor das políticas sociais e ambientais, contra o desemprego e por um novo paradigma político-económico.

Ora, os Governos e os dirigentes europeus, insistindo em políticas e rostos do passado, confortados com as recentes eleições europeias, parecem querer mudar o menos possível, para que tudo fique na mesma.

Contudo, isso é impossível. Todas as pessoas com um mínimo de lucidez o podem compreender. Quando não se fazem a tempo as reformas necessárias, colhem-se revoltas, contestações violentas, porventura mesmo revoluções. É a lição que nos chega de toda a parte: do Irão às Honduras, para só dar dois exemplos entre os mais recentes...

A Europa, a que pertencemos, preocupa-me pela incapacidade dos dirigentes políticos, nestes tempos complexos, de se entenderem, entre si, e a ausência de políticas concertadas e eficazes de ataque à crise. Cada Estado, dos vinte e sete, parece centrado sobre os seus problemas nacionais, esquecido dos valores europeus, parecendo ignorar que num Mundo multi-lateral, em tão rápida mudança, nas relações de força entre os "grandes", a Europa só pode contar, como agente global, se estiver unida e convergente, quanto às políticas a seguir e aos valores que foram sempre os seus. Caso contrário, poderá continuar paralisada ou mesmo correr o risco de desagregação, perdendo sentido e influência.

É, no entanto, não o esqueçamos, o mais original projecto político de paz, de cooperação política, social e económica, voluntário, da segunda metade do século XX. Trouxe à Europa desenvolvimento, bem estar para as pessoas, as sociedades, progresso social e grandes conquistas civilizacionais - e valores éticos - que podem vir a perder-se. O que representaria uma catástrofe, não só para a União, em si mesma, como para o Mundo, do qual tem sido uma referência insubstituível de paz, de Democracia, de respeito pelos Direitos Humanos, de Liberdade e de Dignidade das pessoas. É tudo isto que poderá estar em causa, para além da superação da crise global.

As eleições europeias não representaram, contudo, uma vitória da Direita, ainda que os seus partidos tenham tido mais votos do que os socialistas. Saldaram-se, antes, pela derrota da Esquerda, afectada pela abstenção, pelos votos em branco e nulos. Porque razão a abstenção afectou fundamentalmente a Esquerda? Na minha opinião, porque os socialistas não foram suficientemente socialistas e nos Governos deixaram-se, com frequência, "colonizar" pelo neo-liberalismo, a doutrina da Direita dominante no tempo de Bush. Será que os amigos de Bush podem, na Europa, continuar em posições de comando quando a América de Obama procura encontrar um novo paradigma para resolver a crise e está a mudar o próprio estilo de fazer política?

Não creio. Porque a União Europeia, na fase que vivemos, se vier a distanciar-se dos Estados Unidos, provavelmente entrará numa deriva muito perigosa, desagregadora e suicida. Do lado dos Verdes, com o resultado surpreendente de Cohn Bendit, e dos liberais, depois da reeleição no grupo liberal do Parlamento Europeu, do belga Guy Verhofstadt, um europeísta de fortes convicções, parece haver uma vontade política real de fazer avançar a União, reabilitando os seus valores, o que implica uma certa mão estendida aos socialistas - e não aos conservadores - que pode vir a contar para o reforço de uma maior convergência entre a Europa e os Estados Unidos, deixando para trás os erros e as práticas políticas do neo-liberalismo.

Para tanto, os socialistas europeus têm que compreender que, no actual momento, os seus adversários são os conservadores e a Direita e não a Esquerda, mesmo a radical, apesar do extremismo irrealista desta última.

A Espanha e Portugal, sobretudo dados os laços que nos ligam à Ibero-América e a África, têm governos socialistas que devem aproximar-se do humanismo progressista de Barack Obama, visto que só assim poderão vencer a crise, que ainda não bateu no fundo, com políticas sociais e ambientais sérias, tendo primordialmente em vista lutar contra o desemprego, as gritantes desigualdades sociais, as falências das pequenas e médias empresas e auxiliando as classes médias em vias de pauperização. É o seu espaço social e político e devem ocupá-lo. Pensando à Esquerda e mobilizando os partidários de uma Europa Política unida, igualitária, seguidora dos seus valores e solidária entre si. Ao contrário do que tem estado a acontecer.

Lisboa, 3 de Julho de 2009